

Economia - Brasil

O desenvolvimento nacional

Esse novíssimo *pacote*, anunciado solenemente ontem, apesar dos adornos com que foi enfeitado, significa mais um *expediente* lucubrado para que se carregem recursos do setor privado para o Erário, cuja fome de dinheiro continua insaciável. Afinal, disfarçado, inconfessado, incalculado, o déficit público está aí mesmo; e é preciso tapar, de qualquer maneira, o rombo que ele abre nas finanças do Estado. Portanto, requisite-se dinheiro, onde houver. Como *O Estado de S. Paulo* observou anteontem, a transferência de recursos decretada agora vale como apropriação do excedente nacional — tem o condão de permitir, com certo refinamento, o controle desse excedente. Com o Fundo Nacional de Desenvolvimento, a que se incorpora o valor contábil das ações das sociedades de economia mista, será possível transformar tal valor em moeda. Na medida em que o produto da venda de uma parcela de tais ações seja atribuído à máquina burocrática, esta se incumbirá de beneficiar setores de sua eleição, talvez, por exemplo, para ampliar reservas de mercado nas indústrias farmacêutica e de química fina, que a de telecomunicações já está devidamente encilhada.

Ora, o governo tem manifestado, reiteradamente, sua preocupação com o *social*. O desenvolvimento abrange a saúde pública? É o homem que vai ser desenvolvido? Ninguém no mais alto escalão administrativo contestaria que é ao homem que deve aproveitar o desenvolvimento. Quando se cuida, porém, de gastar o dinheiro extraído com engenho e arte pelos diversos *pacotes*, pensa-se em primeiro lugar em refazer a caixa das empresas estatais, que só não quebram porque a falência consti-

tui castigo privativo das empresas particulares. No entanto, o que acontece com a saúde pública no Brasil, hoje, equivale a escândalo mundial. A poliomielite, que se dizia extinta, está grassando no Nordeste, por via de vacinação falha. A esquistossomose, verminose mortal ou suscetível de deixar seqüelas irreparáveis, acomete cerca de dez milhões de indivíduos, caracterizando-se como terrível epidemia. Recentemente, foi descoberto um foco da doença em Billings, atingindo sete municípios paulistas, inclusive o da Capital. A malária ataca neste 1986 mais de 480 mil brasileiros; nos anos 70, o Ministério da Saúde conseguira reduzi-la a incidência para 50 mil casos. Quanto à febre amarela, extinta no começo do século, com Oswaldo Cruz, reaparece, ovante, a atestar que o País luta contra o tempo... E que dizer da lepra e da tuberculose?

O progresso nacional será desatado por obras que garantam à imensa maioria da população o acesso a condições sanitárias adequadas? Por campanhas eficazes de higiene, de vacinação e de medicina preventiva, de vários tipos, sabido que é mais barato evitar enfermidades do que curar aqueles que elas atacam? Esse desenvolvimento se desencadeará, simultaneamente, pela construção de salas de aula e formação de professores que atendam os oito milhões de crianças que não têm condições de ingressar no primeiro ano do primeiro ciclo de ensino e estão condenadas a crescer sob as trevas da ignorância? Ela prevê, ainda, providências válidas a exterminar a chaga do analfabetismo, valendo a pena lembrar que pelo menos uma sexta parte dos brasileiros adultos não sabem ler e escrever? Tudo leva a crer que não. Pois, a

par da comunicação das medidas baixadas nesse novíssimo *pacote*, não se divulgaram planos ou programas elaborados no propósito de beneficiar a saúde pública e a educação.

Parece que o *social*, para o governo, consiste na tentativa de levar adiante uma *reforma agrária* canhestra, cercada de tumulto que está provocando a desarticulação da produção do campo mas, em compensação, levará à estatização da terra, sob pressão do clero *progressista*, que fala grosso com o Poder Executivo e impõe respeito. Os prelados que fizeram opção pelos pobres e apóiam a *teologia da libertação* seguramente quererão dar palpites no desenvolvimento ora prometido, transformado em panacéia agitada para pôr fim aos males que pesam sobre o povo, fazem-no sofrer e o frustram, para que acabe descrente de tudo e de todos e embarque na canoa do melhor demagogo de plantão que decida levantá-lo, insubmisso e revoltado.

Da preeminência reconhecida aquilo que se entende como o *social* deveriam resultar aberturas destinadas a implantar a democracia das oportunidades. É forçoso reconhecer que o País caminha em sentido que jamais conduzirá a tão nobre objetivo. Aumenta sempre o predomínio do Estado sobre a sociedade e o aparelho burocrático não cessa de estender tentáculos que lhe permitam controlar toda a economia, submetida aos caprichos e aos ditames de uma casta, a *nomenklatura* cabocla, empenhada em acumular mais e mais poder. É nessa linha de ação que ela se dispõe agora a empreender prazerosamente um insuspeitado desenvolvimento nacional...